

A CONCEPÇÃO FORMAL ARQUITETÔNICA DA IGREJA DO JUBILEU

CORREIA, William Meneguetti.¹
FERNANDES, Jaqueline Debiase.²
PIRES, João Cândido De Marco.³
SANTOS, Suellen Barth dos.⁴
OLDONI, Sirlei Maria⁵

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de um estudo sobre a Igreja do Jubileu, obra do arquiteto americano Richard Meier. Trata-se de uma análise sobre uma obra contemporânea de cunho religioso, procurando entender suas formas, conceitos e iluminação, contextualizando a vida do autor, o motivo da predominância da cor branca e sua relação com a luz natural. A ênfase da pesquisa foi analisar a obra nos seus aspectos morfológicos, relação com o meio, articulações, formas, aspectos apresentados pelo teórico brasileiro Carlos Antônio Leite Brandão e a análise do espaço da obra através de conceitos do teórico italiano Bruno Zevi, buscando compreender em que ponto pode-se obter uma bela arquitetura, podendo assim interpretar de forma coerente os sentimentos transmitidos pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja do Jubileu, Análise formal, Richard Meier.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordou como assunto a compreensão da forma arquitetônica da Igreja do Jubileu, localizada em Roma na Itália e projetada pelo arquiteto Richard Meier. Segundo Brandão (2001, p. 26) compreender a forma é observar a ordem nela existente, ou seja, os cheios e vazios, técnicas e materiais construtivos, as sensações transmitidas ao observador, as tensões e movimentos e ainda a relação entre estrutura perceptiva e a estrutura formal. É importante para um arquiteto entender a formalidade de uma obra e as intenções trazidas pela mesma, pois este estudo vai além de apenas observar e descrever superficialmente uma arquitetura.

Este estudo indaga como a forma arquitetônica se articula com o meio e qual a sua relação com o usuário. Sendo que, para tal problema, formulou-se a hipótese de que a obra se integra com o

¹ Acadêmico do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: william_menegueti@hotmail.com

² Acadêmica do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: debiase-96@hotmail.com

³ Acadêmico do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: joaocandido11@hotmail.com

⁴ Acadêmica do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: suh.barth@gmail.com

⁵ Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL. E-mail: sirleiboldoni@hotmail.com

meio, proporcionando ao observador diversas sensações, isto é possível, pois o espaço exterior da obra pode ser observado do seu interior, por meio dos fechamentos em vidro existentes na nave da igreja. Os planos de luz natural também são de suma importância, sendo que os mesmos iluminam todo o espaço interior, influenciando a cada hora na visão do espectador.

Com isto determinou-se como objetivo geral desta pesquisa, compreender a forma arquitetônica da obra projetada por Richard Meier e a sua relação com o meio e o usuário. Para o atingimento deste objetivo geral foram formulados os seguintes objetivos específicos: a) Realizar o estudo bibliográfico tanto da obra quanto do arquiteto Richard Meier; b) Aspectos de análise morfológica apresentado por Carlos Antônio Leite Brandão e Bruno Zevi; c) Aplicar os aspectos de análise morfológica segundo Carlos Antônio Leite Brandão; d) Identificar como o arquiteto traduziu as suas formas em uma concepção de espaço e de mundo e e) comprovar ou refutar hipótese.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ARQUITETO RICHARD MEIER

Richard Meier nasceu em Newark, New Jersey, em 1934. Formou-se em 1952, na Columbia High School de Maplewood e cinco anos depois, em 1957, concluiu licenciatura em arquitetura na Universidade de Cornell, Ithaca, Nova York (CHAO, 2006).

Meier é um arquiteto de grande prestígio em todo o mundo. Suas obras seguem uma linguagem arquitetônica moderna construída a partir de desenhos geométricos compostos por linhas puras, planas e curvas e pela valorização da luz natural (RIBAS, 2014).

Segundo ALLEN (2017), Meier é conhecido por sua filosofia de projeto, de arquitetura abstrata e uso do branco em suas obras. O branco é a mais maravilhosa das cores por permitir que se vejam nela todas as tonalidades do arco-íris (RIBAS, 2014).

“O branco é a cor mais maravilhosa porque dentro dela você pode ver todas as cores do arco-íris. A brancura do branco nunca é apenas branca, é quase sempre transformado pela luz e pelo que está mudando, o céu, as nuvens, o sol e a lua” (MEIER, 1984).

Convencionalmente o branco sempre foi considerado como o símbolo de perfeição, pureza e clareza. Percebemos que, ao contrário das outras cores, dependendo do seu contexto, sempre mantém no branco a integridade. Ao mesmo tempo, ele pode trabalhar como uma cor. Por exemplo,

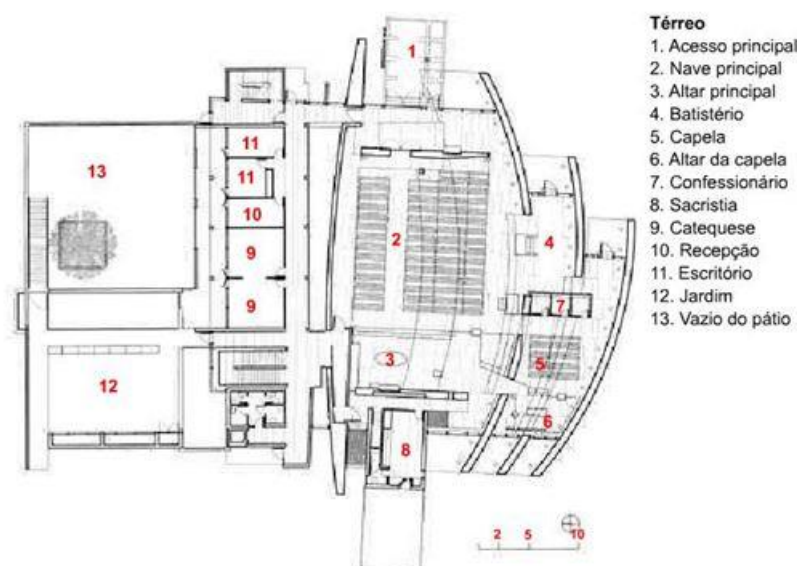
uma superfície branca pode apreciar o sair das sombras e luzes, cheios e vazios. Goethe disse: “a cor é a dor de luz, brancura é a memória, cor é antecipação” (GOETHE, 1798, *apud* CHAO, 2006).

2.2 IGREJA DO JUBILEU

A igreja da Misericórdia encontra-se em Tor Ter Teste, bairro localizado no sul de Roma. Projetada por Richard Méier para ser a igreja do milênio, teve um atraso e só foi concluída em 2003, coincidindo com o jubileu do pontificado do papa João Paulo II. Por isso o nome Igreja do Jubileu (MILANI, 2006).

A implantação do edifício é em um terreno triangular e plano com acesso principal a leste. A construção é composta por vários retângulos e curvas, responsáveis pela distinção das funções. Ao sul encontra-se a parte sacra, distinta pelas três curvas que, segundo o arquiteto, sugerem uma discreta alusão à Santíssima Trindade. Abrigam na sua forma a nave, a capela, o batistério, a sacristia e os confessionários (FIGURA 1). Ao norte encontra-se a parte profana, predominando as linhas retas, lugar onde está o centro comunitário e a casa paroquial (PROJETO DESIGN, 2004).

FIGURA 1: Igreja do Jubileu, planta baixa.



FONTE: PROJETO DESIGN, 2004, p. 59.

Segundo MILANI (2006), Méier a partir do desenho das curvas, adota componentes fundamentais para obter muita luz no interior da igreja. O uso de claraboias, paredes com caixilhos

de vidro e a cor branca predominante, permitem que o interior da igreja seja repleto de luz (FIGURA 2).

FIGURA 2: Igreja do Jubileu, fachada posterior.



FONTE: PROJETO DESIGN, 2004, p. 59.

A luz é o elemento primordial na caracterização do espaço. O branco presente nem sempre é o mesmo, pois é transformado conforme a luz do dia. A percepção do espaço se transforma de acordo com as estações do ano, com o tempo e com as horas do dia. E a igreja, na sua transparência, mostra o céu e a luz verdadeira. O espaço interior é apresentado como uma extensão do exterior, pois convivem com a mesma luz, e dentro do espaço ela acaba se tornando radiante, acendendo um fascínio que anuncia a proximidade com o sagrado. A luz e a forma demonstram um espaço interior belo e envolvente. Na parede atrás do altar aparece o Cristo crucificado unido com uma luz que atravessa uma pequena abertura num grande nicho. Isso leva a pensar numa luz simbólica, a luz do Cristo, ou, talvez, a janela que leva à Deus (MILANI, 2006).

O Arquiteto Richard Méier, ao projetar uma igreja transparente e luminosa, faz do espaço da celebração de um catolicismo renovado e contemporâneo uma identidade nova e reconstruída para a Igreja católica (ARKINKA, 2004).

A luz branca e intensa apresenta uma Igreja que quer ser mais clara e mais transparente, no qual a estrutura e a luminosidade fazem um ambiente acolhedor e estimulante, próprio para reunião de uma comunidade (MILANI, 2006).

3. METODOLOGIA

A pesquisa através de referências bibliográficas é de suma importância para que não ocorra o plágio de trabalhos (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 225), portanto a metodologia deste trabalho ocorre inicialmente por meio de pesquisa bibliográfica, ou seja, realizar-se-á uma atividade de busca, indagação e investigação para que nos permita elaborar um conhecimento sobre o assunto (PÁDUA, 1996, p. 29). Em seguida será realizada a análise morfológica da obra e a sua relação com o meio e o usuário, seguindo os princípios apresentados pelos autores Carlos Antônio Leite Brandão (2001) e Bruno Zevi (1996), bem como o estudo de caso da Igreja do Jubileu, sendo que, para elaborar a pesquisa, devem-se levar em consideração três aspectos, sendo estes: o princípio do estudo; a indagação a ser investigada; os objetivos que se pretende alcançar e a possibilidade de atingir diversas linhas de estudo a partir do método (CESAR, 2005).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Existem muitas histórias na arquitetura que seriam contadas de uma mais fiel a suas origens se seus escritores entendessem a arquitetura em toda a sua complexidade, da maneira que merece, não apenas vista pela beleza, a forma e sua função, mas sim, quais os sentimentos que o arquiteto quis transmitir, suas ideias, o que ele queria que os visitantes ou moradores desse local sentissem ao entrarem ali, em viver naquele lugar, esse que outrora foi pensado e transformado em um simples esboço, depois transpassado para outro desenho mais complexo, a ponto de que em seu último momento seria algo construído no mundo real, algo que está em um vocabulário tridimensional, diferente de qualquer outra arte, pois nessa arte em específico, o homem habita, incide, faz parte dela (ZEVI, 1996, p. 17).

Entretanto, ainda segundo Zevi (1996, p.25), a experiência espacial arquitetônica não se limita somente ao interior de um edifício, pois o espaço urbanístico também possui seu valor. Não se deve usar apenas o espaço de um edifício como instrumento crítico de uma obra arquitetônica, pois só este não é o suficiente.

Utilizando como parâmetro o conceito e a importância do espaço citado por Bruno Zevi anteriormente, podemos assim analisar a obra Igreja do o Jubileu, de Richard Meier. Através do

modo de aproveitamento da luz, compreende-se que se pode abstrair, analisar e sentir a edificação, os seus espaços, suas singularidades e suas relações como o entorno, portanto através dessa ferramenta, luz, somos induzidos a experimentar o que chamamos de sagrado. Outro grande fator é o elemento vidro, utilizado nos fechamentos verticais e no teto composto por claraboias de vidro, permitem um diálogo direto com o céu, tornando integrante da obra, estampando nuvens do céu azul sobre a cabeça dos que estão e passam pela igreja, além de promover um ensaio cênico de um jogo de luz e sombra, ressaltando o divino, o puro e o misterioso. Diante de todo esse conceito e percepção que sentimos do edifício, podemos entender a luz na sua origem projetual e sensitiva.

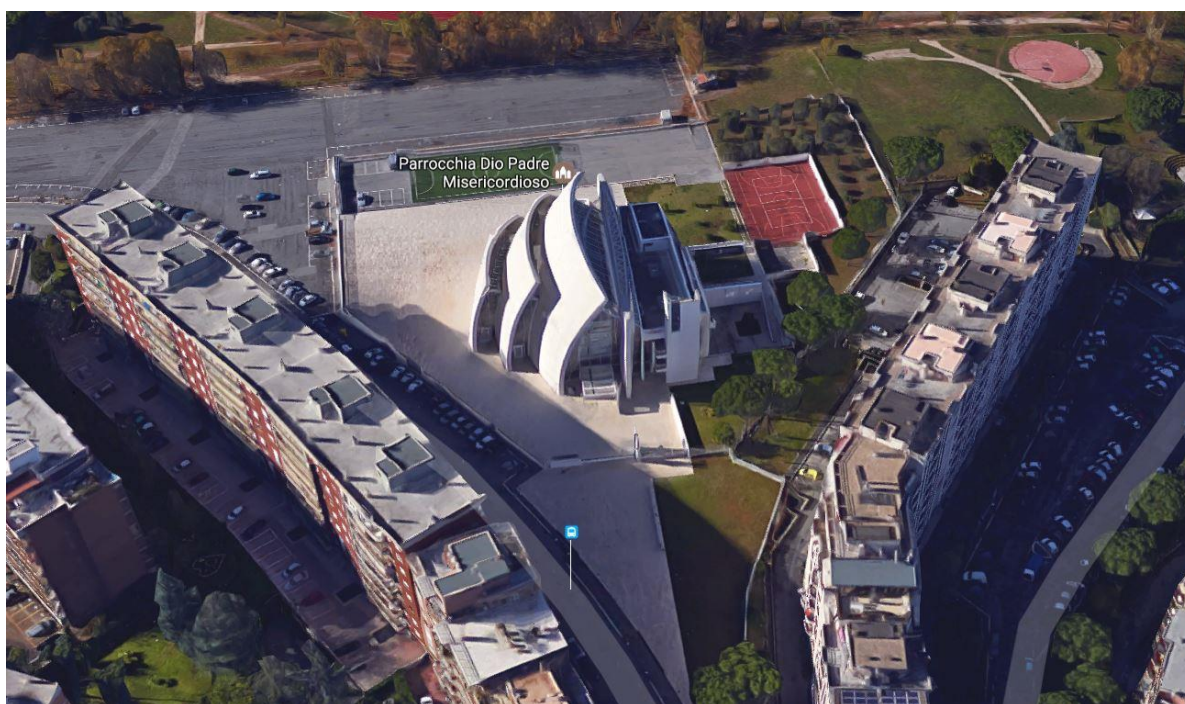
Já a abordagem morfológica busca analisar as “formas” existentes na obra, ou seja, as sensações proporcionadas ao observador por meio das mesmas, as tensões e movimentos, a relação entre as estruturas perceptivas e a estrutura formal, entre outros (BRANDÃO, 2001, p. 26).

O enfoque morfológico, ainda segundo Brandão (2001, p. 27), não se dedica somente a ver como um determinado programa ou função foi resolvido pela forma arquitetônica, o teórico se concentra em examinar, por exemplo:

- Se o objeto se articula com o ambiente por similaridade orgânica ou por contraste;
- Se a forma empregada se basta em si mesma, ou é definida pelas condições de fruição e inserção urbana;
- Se a obra é plástica ou linear;
- Se as articulações privilegiadas, que guiam o olhar do observador é horizontal ou vertical;
- O edifício se relaciona com os planos de luz formando um volume arquitetônico unificado e próprio de uma composição dedutiva, ou um volume mais fragmentado e próprio de uma composição indutiva;
- A obra é uma soma de células espaciais que se repetem ou uma totalidade que se subdivide;
- A luz capturada pelo objeto é mais homogênea, proporcionando uma apreensão mais rigorosa e fixa da sua geometria, ou é mais heterogênea, possibilitando do mesmo reagir com o ambiente e aparecer de formas diversas durante o dia.

Seguindo a análise morfológica citada acima, observa-se que a Igreja do Jubileu se articula com o ambiente de forma contrastante, pois a mesma encontra-se no meio de um bairro, em Roma, cercado por edifícios habitacionais, ou seja, a obra tem a possibilidade de ser reproduzida em qualquer outro local, pois não está totalmente integrada com o meio (FIGURA 3). Com isto analisa-se também que a forma arquitetônica produzida na igreja se basta em si mesma, não dependendo do urbanismo ao seu redor.

FIGURA 3: Igreja do Jubileu inserida no bairro Tor Ter Teste, em Roma.



FONTE: Google Maps.

É possível ver a plasticidade orgânica por meio das três curvas presentes na fachada, sendo que as mesmas insinuam a alusão da Santíssima Trindade e a sua forma convergente abriga a nave, a capela, o batistério, a sacristia e os confessionários. Tais semicírculos privilegiam as articulações verticais das linhas mestras, ou seja, a verticalidade da obra chama a atenção do observador pela grandiosidade das curvas (FIGURA 2).

Os planos do objeto se relacionam com a luz tornando o volume mais fragmentado e próprio de uma composição indutiva, sendo que a iluminação natural é capturada de forma heterogênea, proporcionando a possibilidade de a obra reagir de diversas formas durante o dia. A cor branca

presente na igreja é transformada conforme a luz incide, sendo que o espaço se transforma de acordo com as estações do ano, o tempo e as horas do dia, proporcionando ao observador enumeras sensações tanto na visão exterior, quanto interior (FIGURA 4), pois os fechamentos em vidro presentes na nave permitem a interação do espaço interior com o exterior tornando possível a observação do céu, mesmo estando dentro da obra.

FIGURA 4: Diferentes visões proporcionadas ao observador.



FONTE: Adaptado de Archdaily e Google maps.

Por fim o edifício é uma totalidade que se subdivide por meio dos “rasgos” presentes na fachada, sendo impossível passarem despercebidos pela visão de qualquer observador.

FIGURA 5: Vista frontal da obra.



FONTE: Revista AXXIS.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender os aspectos formais e espaciais da obra Igreja do Jubileu, do arquiteto Richard Meier, seguindo os parâmetros apresentados por Carlos Antônio Leite Brandão e os conceitos espaciais de Bruno Zevi. A hipótese inicialmente proposta no estudo, dando a impressão de que a obra pertence ao meio onde está inserida estava equivocada, pois após apresentar o embasamento teórico e analisar a obra, foi possível compreender seu grande contraste com o entorno, sendo uma obra de caráter abstrato, podendo ser compreendido seu sentido arquitetônico por si só, sem a necessidade de analisar o contexto no qual está inserido, seu entorno. Destacou-se a importância da luz no projeto, devido as suas formas, uso do vidro e a cor branca predominante permitem que o interior da igreja fosse repleto de luz, que segundo o próprio arquiteto, a cor branca nunca é apenas branca, pois está sempre mudando pela luz, pelo céu, nuvens, sol e a lua. Por fim, concluímos que a obra possui uma grande importância como símbolo da arquitetura contemporânea e também percebemos que seus maiores valores estão escondidos e guardados para aqueles observadores mais detalhistas, claramente qualquer observador e visitante sem um amplo conhecimento da arquitetura iria se impressionar visitando a Igreja do Jubileu, porém aqueles que possuem uma noção mais aprofundada da arquitetura ou conhecessem as ideias de Brandão e que sentem, interpretam a arquitetura como Bruno Zevi, teriam uma experiência mais

completa da obra, na sua mais pura complexidade, captando cada detalhe e sentimento transmitido do arquiteto, para aqueles que fossem visitar sua obra.

REFERÊNCIAS

ALLEN, K. **Em foco: Richard Meier**. 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-146278/feliz-aniversario-richard-meier>> Acesso em: 09 abr. 2017.

ARKINKA. **Lima: Arkinka**. n. 104, jul. 2004. Disponível em: <www.lumearquitetura.com.br/pdf/ed32/ed-32%20AT.pdf> Acesso em: 09 abr. 2017.

BRANDRÃO, C. A. L. **Os modos do discurso da teoria da arquitetura**. In. Cadernos de Arquitetura, Ritter dos Reis, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 17-43, 2001.

CESAR, A. M. R. V. C. **Método do estudo de caso (Case Studies) ou métodos do caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração**. Apostila utilizada para fins didáticos na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf Acesso em: 25 de março de 2017.

CHAO, E. **RICHARD MEIER 1934: El Arquitecto de la Construcción y Tecnología**, [S.l.]. 2006. Arquitetura, p. 50. Disponível em: <<http://www.imcyc.com/ct2006/abril06/ARQUITECTURA.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Edição. Editora Atlas, São Paulo, 2003.

MEIER, R. **Trecho de discurso**. Prêmio Pritzker. 1984. Disponível em: <<http://www.richardmeier.com/>> Acesso em 23 de março de 2017.

MILANI, E. M. **Arquitetura, luz e liturgia: Um estudo da iluminação nas igrejas católicas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico – prática**. 3ª Edição, Campinas, SP: Papirus, 1996.

PROJETO DESIGN. **São Paulo: Arco**. n. 289, mar. 2004.

RIBAS, C. L. ; RIBAS, D. L. **Inspiração: Richard Meier por Carolina e Denise Leal Ribas**. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/imoveis/inspiracao-richard-meier-por-carolina-e-denise-leal-ribas-eahgv9zi8qtjq9w39lq01agjy>> Acesso em: 09 abr. 2017.

ZEVI, B. **SABER VER A ARQUITETURA**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.